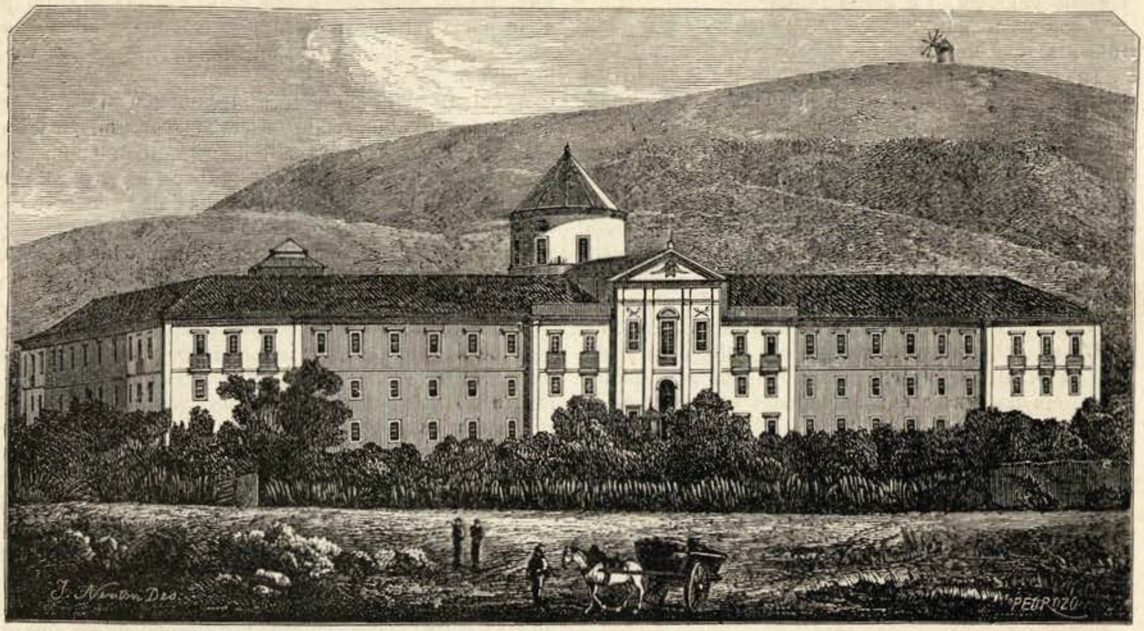


Real asylo dos invalidos, em Runa

I

Todos os paizes civilisados que tem a peito remunerar condignamente os grandes serviços prestados á patria, as grandes abnegações e os grandes sacrificios, não esqueceram jámais os velhos militares, esses que derramaram o sangue e combateram pela defensão dos lares, esses que travaram rijas pelejas, soffreram privações, cançaram as forças, a energia e a vida em honra da bandeira nacional.

Nada mais respeitavel do que um veterano. Eu de mim, quando contemplo uma d'essas reliquias mutiladas e estroncadas da guerra peninsular, parece-me estar vendo uma estancia viva da epopéa portugueza. Rebôa-me nos ouvidos o grito de guerra; correm-me pela imaginação as mil scenas do formidavel drama dos combates; oiço o clangor das trombetas, a grita dos enthusiasmos e o gemido das dores; vejo o sangue que corre das feridas, e a gloria que se alevanta envolta em purpura; e, no meio de tudo, palpo um sentimento generoso, heroico, sublime — o amor profundo, inquebrantavel, incondicional, da patria.

Para os espiritos que sabem meditar, e buscam em todos os factos da vida uma causa determinante e absoluta, os veteranos que escapam mutilados dos combates, e depois, no remanso da paz, vivem longos annos, para contar aos vindouros as suas proezas e façanhas, são mais do que um accidente fortuito, ou do que um azar e um acaso.

Os veteranos n'estas condições são verdadeiros e eloquentes apostolos da religião nacional; são os martyres que quasi resuscitaram, e com a sua phrase rude e singela accendem nos animos novos brios e novas heroicidades, arraigam e aprofundam o amor da patria, tornam inabalavel a confiança, fundamento principal das nacionalidades vivazes, elevam a parte moral do homem, exercitam, em fim, uma propaganda effectiva e real, e uma influencia immensa e sagrada.

Nada, pois, mais infame e aviltante do que deixar na miseria e votar á fome os restos gloriosos do exercito nacional.

Nada mais execrando e criminoso do que abandonar na mingua e na penuria os veteranos que, á custa de sangue e innumeras privações, defenderam o lábaro da patria. Por isso, como dissemos já, todas as nações que se denominam civilisadas, e gozam, com justissimas razões, dos foros de guerreiras, dão caridosa acolhida, concedem affectos e carinhos, commodos e fruições, aos seus veteranos.

Em coisas de guerra convem citar sempre a França e a Prussia, que marcham na vanguarda das outras nações.

Filippe Augusto, o vencedor de Bouvines, o rei essencialmente politico, que começou a lucta contra a feudalidade, foi em França quem primeiro curou dos veteranos, dando-lhes asylos caridosos.

S. Luiz, quando regressou da Palestina, fundou a real casa dos *quinze vingts*, onde se recolheram trezentos fidalgos que o sol da Africa havia cegado. Este asylo ainda existe agora; mas, pela sua especial natureza, não podia servir para os mutilados da guerra, cujo calculo médio, entre os feridos e os que ficam invalidos, segundo as melhores estatisticas, é de 1 para 1:000.

No anno de 1600 creou Henrique IV, o primeiro rei da dynastia bourbonica, um estabelecimento onde os officiaes e soldados invalidos viviam em communidade.

Vieram, porém, as guerras civis da *Fronde*, paroxismo da feudalidade que se extinguia; Richelieu havia tambem esquecido a idéa do bearnez, e a final coube a Luiz XIV a gloria de emprehender e levar a cabo tão util entrepreza, erguendo um grande palacio, que hoje é um dos melhores brazões do genio militar da França, especie de pantheon onde os veteranos descançam á sombra dos loiros colhidos, e respiram repoisados as fragrancias do passado, sem cuidados no presente.

A Prussia é uma nação quasi sem tradições, porque, como a Minerva armada da mythologia hellenica, saiu do cerebro e da espada do grande Frederico. Foi este rei, uma das melhores cabeças onde assentou a coroa

real, quem fundou os dois asylos dos invalidos, em Berlin e Postdam.

A Russia tem o asylo do Newa, palacio sumptuoso elevado em honra da gloria militar.

A Inglaterra ensoberbece-se com os vastos e admiraveis asylos de Chelson e Greenwich.

Todas as nações, em fim, cuidam da sorte dos veteranos, dão-lhe gasalhado e manteuça, e, honrando os velhos soldados, honram-se a si mesmas.

Portugal não foi dos ultimos a comprehender e a traduzir em factos esta consoladora e santa verdade. O asylo de Runa é um monumento poetico de uma piedosa princeza, é um altar votivo onde se congraçaram em intimo e estreito abraço religião e patria.

Sacratissimos são os perfumes que se respiram sob aquelle tecto abençoado.

Contenta-se a alma, alegra-se a vista, abre-se o coração ao contemplar o que póde e sabe a caridade, que tanto alli se desentranhou em cuidados maternaes, em doçuras e em amenidades para com os alquebrados defensores da nação.

Diremos, pois, algumas palavras ácerca do asylo de Runa, cuja estampa acompanha este artigo [1].

(Continúa) A. Osorio de Vasconcellos.

O GENRO DO REI [2]

I

Era uma vez um rei tão avaro, que, em logar de passar a vida occupado em tornar felizes os seus subditos, passava-a discorrendo pelo reino em procura de minas de oiro e prata, e deixava que naufragasse a nau do estado.

Passando por uma aldeia, notou que em uma casa miseravel havia muita alegria; nas janellas lançavam-se foguetes de muitas respostas, e atirava-se ao rapazio dinheiro em cobre e frutas. Perguntou o rei por que era tal alegria, e responderam-lhe que era porque aos que alli moravam nascêra um filho, e, como uma bruxa ou adivinhadora das visinhanças assegurára que o menino, se chegasse a ver a luz do mundo, aos quinze annos se casaria com a filha de um rei, todos chamavam já ao pequeno o genro do rei.

O rei, que era tão supersticioso como avarento e mau, disse para si:

— Olhem que felicidade se a filha do rei com quem se ha de casar esse rapaz fosse a minha filha, pois, além de ficar para sempre envergonhado de ser sogro de um tal papalvo, ver-me-hia privado das riquezas que me trará um genro da minha jerarchia! Deixem estar o caso por minha conta...

E, apresentando-se aos paes do recem-nascido, disse-lhes que lhes dessem o menino, porque elle se encarregava de mandal-o criar e educar como principe, e casal-o depois com a filha de um dos seus ministros.

Os paes do rapaz negaram-se a principio a acceder á proposta do rei, porém este lembrou-se de offerecer-lhes dinheiro, e em fim deixaram-se ir com o engodo, no presupposto de que, tendo o rapaz vindo ao mundo com boa sina, não era possivel acontecer-lhe mal na companhia do rei.

A idéa do rei era lançar o pequeno no rio que corria perto da aldeia; mas, quando ia a executar esta negregada idéa, notou que era parecido com sua filha, e faltou-lhe o animo para tão feia acção. O que, porém, fez foi collocal-o n'uma caixa em que só entrava o ar por uma fenda da tampa, e lançal-o ao rio na caixa, que desappareceu immediatamente da sua vista, levada pela corrente.

A caixa, seguindo a corrente, chegou até a presa de um moinho, e, sendo observada por um moço do moleiro, que por acaso alli descêra, julgou que poderia haver n'ella algum thesouro e puxou-a para a margem com um gancho. Abrindo a caixa, encontrou-se com o recem-nascido, que alli chegára ainda a dormir, e que, ouvindo as pancadas que o moço dava com uma pedra para abrir a caixa, acordou, sorrindo-se, muito córado e formoso.

Fallecêra no dia antecedente á moleira um pequenote de dois mezes; por isso o criado pensou que não lhe seria desagradavel a presença do que se lhe deparára no rio. E não se enganou. Sentiu-se a moleira, assim que poz ao peito o menino, tão consolada como se tivesse recuperado o d'ella; e em poucos dias já lhe queria como se fosse a propria mãe.

II

Passados quatorze ou quinze annos depois d'isto, andava o rei, como sempre, procurando minas que o tornassem ainda mais rico do que era, porque a ambição do oiro e da prata augmentava n'elle com a edade. De subito começou a chover abundantemente, e o rei correu a resguardar-se da chuva em um moinho proximo, onde lhe chamou a attenção, por sua formosura, pelo affecto com que o tratavam os moleiros, e principalmente porque se parecia com sua filha, um rapaz que teria, quando muito, quatorze ou quinze annos.

— É seu filho este rapaz tão gentil? perguntou aos moleiros.

— Não, senhor, responderam-lhe. Tivemos apenas um filho, e morreu-nos de dois mezes. Esse mocinho encontrou-o nosso criado, haverá uns quatorze annos, mettido em uma caixa que descia pelo rio e veiu ter á presa do moinho.

— E estimam-n'o muito?

— Como se fôra nosso filho. Não lhe havemos de querer muito, se é o melhor rapaz que podia vir ao mundo!

O rei não teve dúvida alguma de que aquelle mancebo era o mesmo que lançára ao rio, fechado em uma caixa; e, receiando mais que nunca que se verificasse a predicção da bruxa da aldeia, isto é, de vir elle a casar-se com sua filha, disse aos moleiros:

— Haveria inconveniente em que esse rapaz fosse levar, da minha parte, uma carta á rainha?

— Nenhum, senhor, responderam os moleiros. Determine vossa magestade como quizer, assim do rapaz como de nós, que o nosso dever e o nosso gosto é servir vossa magestade.

O rei escreveu á rainha uma carta, dizendo-lhe que, assim que a recebesse, mandasse cortar a cabeça e enterrar o portador, e entregou-a ao rapaz com duas moedas de prata de gratificação.

Partiu o rapaz, e no caminho encontrou-se com um pobre sem camisa e extenuado de fome, que lhe pediu esmola, e o rapaz deu-lhe uma das moedas que lhe dera o rei, dizendo para si:

— Basta-me parte d'este dinheiro para o resto da viagem, e a outra parte servirá para este infeliz comprar uma camisa e ceiar esta noite uma assorda.

O mendigo levantou os olhos para o ceo, chorando de agradecimento e satisfação, e pediu a Deus que

---

[1] Sobre este ponto, além de umas compendiosas noticias que me foram facultadas pelo sr. Vilhena Barbosa, consultei um artigo inserto no *Panorama*, e o relatorio apresentado ao ministro da guerra pelo fallecido general barão da Batalha, e que foi quasi todo elaborado pelo sr. Cunha Vianna, tenente coronel do exercito, official muito instruido, estudioso e sabedor das coisas portuguezas.

No mez de julho de 1863 foi de feito nomeada uma commissão para inspeccionar o asylo de Runa, e o substancioso relatorio a que alludi vem cheio de excellentes lembranças, que conviria tornar effectivas, das quaes darei rapido transumpto.

[2] Da collecção dos contos populares de Trueba.

protegesse o seu bemfeitor, e o rapaz continuou o seu caminho.

Pouco depois o rapaz encontrou uma mulher, tambem andrajosa e morta de fome, que lhe pediu esmola pelo amor de Deus, e logo deu o dinheiro que lhe restava, dizendo para si:

— Ora eu sou moço e robusto, e posso ir muito bem até a cidade sem comer; e essa infeliz, com o dinheiro que lhe dou, comprará uma sáia, e comerá esta noite, quando menos, uma assorda.

Dizendo-o e fazendo-o, o rapaz continuou o seu caminho em quanto á pobresinha rogava a Deus e a todos os santos e santas da corte do ceo que lhe dessem auxilio.

Como ia anoitecendo, e chovia e nevava que não era para graças, o rapaz extraviou-se em um espesso e solitario monte, pelo qual andou vagando até proximo da meia noite sem poder achar o caminho direito. Fazia um frio de inteiriçar, e os lobos esfaimados uivavam na espessura.

— Estou perdido, disse o rapaz, se Deus não me acudir. Algum lobo dos que estão uivando ceiará o meu corpo esta noite, ou, quando menos, morrerei de frio n'esta solidão! Deus se compadeça de mim!

Dizendo isto, descobriu ao longe, através das arvores, uma pequena luz, para a qual se dirigiu um pouco apressado, com a esperança de encontrar casa onde se recolhesse.

Não foi baldada a sua esperança, pois em fim se lhe deparou a porta de uma pequena casa occulta no mais espesso e retirado do monte. Empurrou a porta, porque viu luz dentro, e encontrou-se com uma velhinha que se aquecia junto do fogo.

— Que o traz a esta casa? perguntou-lhe a velha, admirada de ver o rapaz.

— Que me traz! respondeu. Muito frio, muito somno e muito cançaço; e peço-lhe que me deixe passar aqui a noite.

— Não póde ser, respondeu a velha indicando-lhe a porta. D'aqui a pouco virão os salteadores a quem sirvo, e matar-te-hão se te encontrarem n'esta casa.

— Se vierem, interceda por mim.

— Intercederei se desejas ficar, porque pareces tão bom moço, que ninguem póde ver-te sem sympathisar comtigo; porém o meu conselho é que não deves ficar.

— Tenho que pernoitar aqui, ainda que a vida me corra algum risco; porque, ao contrario, a morte é certa. Os salteadores hão de compadecer-se de mim, porque são homens; porém os lobos não podem ter dó de mim, porque são feras.

— Pois se queres ficar, fica, que eu farei a diligencia para te salvar.

A velha, que quanto mais o tratava mais sympathisava com o mancebo, deu-lhe de ceiar, e pouco depois o mancebo adormeceu tranquillamente sobre um banco proximo da lareira.

Chegando os salteadores e vendo que estava alli um estranho, tiraram os punhaes com o intento de assassinal-o, reprehendendo ao mesmo tempo a velha porque deixára devassar a casa; porém a velha, com súpplicas e explicações, conseguiu serenar os salteadores, e estes accederam por fim em deixar com vida o rapaz, se porventura não acordasse antes do amanhecer, em que elles saíam para as correrias das estradas, azinhagas e charnecas.

Se os salteadores, todavia, se decidiram a deixar com vida o mancebo, não renunciaram a despojal-o do dinheiro que trouxesse nas algibeiras; e para este fim o examinaram minuciosamente; porém só lhe acharam a carta do rei.

Vendo que a carta tinha o sêllo real, abriram bem os olhos, porque os salteadores não gostavam do rei, que os perseguia e ameaçava enforcal-os por falsificadores das notas do banco, pois era geralmente sabido que um d'elles falsificava com perfeição os papeis de credito.

Mas quando os salteadores abriram e leram a carta, tiveram gaudio, porque viram chegada a occasião de amofinar o rei. Então o salteador mais habil em falsificar papeis escreveu uma carta imitando perfeitamente a letra e o sêllo do rei, na qual carta dizia á rainha que, assim que lh'a entregassem, casasse o portador com a infanta, porque estava certo de que se amariam e seriam muito felizes, e em seguida a metteu na algibeira do rapaz em logar da verdadeira do rei.

Quando o mancebo acordou pela manhã, os salteadores já tinham saido; e, depois de comer ovos com presunto, que lhe deu a velha, continuou alegremente o seu caminho.

Assim que a rainha leu a carta, que não duvidou fosse de seu marido, determinou que o portador e sua filha se casassem, e celebraram-se as bodas com grandes festejos, tanto mais quanto se sabia que a infanta e o seu noivo se enamoraram perdidamente desde o momento em que se viram.

O mancebo acertára bem com a infanta, porque a infanta era muito formosa e gentil, e tinha uns olhos com um não sei quê bastante para fazer peccar um santo.

(Continúa)

OS CASTORES

Dotou o Creador a varias especies de quadrupedes com tão fino e maravilhoso instincto, que chega algumas vezes a ter similhanças com a razão, com essa centelha do espirito divino, que faz o homem rei da creação. D'entre aquelles quadrupedes privilegiados é o castor um dos que maior admiração excitam pelo poder do seu instincto, e cujos costumes mais dignos são de serem estudados pelos philosophos.

O castor constitue um genero pertencente á familia dos roedores, e que, segundo alguns naturalistas, apenas consta de uma especie, o castor commum, ao qual poz Linneo o nome de *castor fiber*. Outros auctores, porém, dividem o genero em varias especies, como abaixo diremos.

Tem este animal um metro de comprimento, pouco mais ou menos, desde o focinho até á extremidade da cauda, entrando esta n'essa conta por quasi um terço. Regula a sua altura por uns trinta centimetros. Tem a cabeça oval, orelhas pequenas, e cinco dedos em cada pé. Os dianteiros são mais curtos e dotados de extrema agilidade; servem-lhe de habilidosas mãos. A cauda é achatada em sentido horisontal, arredondada na extremidade, e toda coberta de escamas. É de muito prestimo para o animal, como demonstraremos ao diante. Seus vinte dentes são por tal modo fortes, que não ha madeira que lhes resista. Com esse instrumento, na apparencia fragil, corta e derruba o castor grossos troncos de arvores de mui rija madeira. Vestem-lhe o corpo duas camadas de pellos, uma interior curta e muito macia, a outra comprida, e formando um como estojo, que resguarda aquella da agua e do lodo. A côr, em fim, é differente, segundo as regiões que habita, sendo em uns individuos parda ou acastanhada, em outros branca ou quasi preta. Por este motivo alguns naturalistas, tomando esta differença de côr como distinctivo de variedade de especies, designam cada uma por seu nome diverso, como, por exemplo, ao castor branco — *castor albus*.

São originarios os castores de quasi todas as regiões frias e temperadas do nosso hemispherio. Vivem na America Septentrional, no Canadá, nos Estados Unidos, na Terra de Labrador, nos bancos da Terra Nova,

na Asia, e em toda a parte do norte da Europa até ao Rhodano.

Como animal amphibio, que é, habita nas margens dos lagos ou rios, aprazendo-se tanto nos seus passeios em terra como nos seus exercicios aquaticos. E não ha, certamente, animal que o exceda na agilidade com que nada e mergulha. E tambem a todos se avantaja, e muito, na destreza, no esmero e na arte com que edifica as suas moradas.

Todavia, não ostenta o castor do mesmo modo estas qualidades em todas as regiões que habita. Na America do norte e na Terra Nova é onde este animal desenvolve todos os recursos da sua admiravel industria.

Os castores vivem em perfeito estado de associação, não só formando uma como aldeia, composta de numerosas habitações, mas, além d'isso, coadjuvando-se uns aos outros na construcção das suas moradas, e em certos trabalhos que interessam á segurança de toda a colonia. N'este ultimo ponto referimo-nos aos diques.

Constroem estes animaes as suas habitações nos lagos ou nos rios, junto das margens, mas saíndo do seio das aguas. Com o instincto, que parece tocar nas raias da previdencia humana, se o rio ou lago offerece o perigo das grandes inundações, começam os trabalhos de fundação das suas colonias por construir um dique, ao abrigo do qual possam estar em segurança durante a estação invernosa.

N'esta obra de interesse commum empregam-se com o mesmo ardor todos os membros de que se compõe a tribu.

Os viajantes que tem visitado aquellas paragens da America, e que tiveram occasião de observar attentamente estes singulares animaes, dizem que é um espectaculo mui curioso, e que enleva o espirito, ver aquelles animaesinhos, desengraçados na fórma, e na apparencia pesados e pouco activos, occupados, como infatigaveis operarios, em uma obra hydraulica de muita solidez, e cuja execução se afigurará a toda a gente como absolutamente superior á industria e ao esforço de um ente irracional.

Dão principio os castores a estes trabalhos indo ás arvores mais proximas fazer fornecimento de estacaria. Com os seus dentes incisivos fazem as vezes de serra. Vencendo com paciencia e perseverança as difficuldades da operação, conseguem alastrar o solo de infinita quantidade de troncos de diversos tamanhos e grossura, e de grande cópia de folhagem. Feito isto, tratam de conduzir estes materiaes para junto da margem, ora puxando por elles, ora empurrando-os, ora rolando-os. Depois passam a ir escavar no leito do rio ou lago profundas covas, enfileiradas e chegadas umas ás outras.

Os mais grossos e compridos troncos, que jazem cortados na visinha margem, são em seguida lançados á agua e mettidos nas ditas covas; e em quanto alguns d'aquelles industriosos animaes se encarregam de amparar os troncos, para que não tombem, outros diligentes obreiros vão enchendo de pedras as covas em que estão enterrados os mesmos troncos, até que estes fiquem bem firmes e seguros. Depois entrelaçam esta estacaria com muitos ramos flexiveis, tão unidos, tão bem dispostos e apertados, que assim fica formada uma parede compacta de madeira, muito mais elevada que a superficie das aguas. A par d'ella edificam, pela mesma maneira, mais duas ou tres paredes, porém muito mais baixas que a primeira. Enchem-lhes os vãos de pedras e de pedaços de troncos, tudo misturado com barro ou terra argamassada.

N'esta obra trabalham, como dissemos, todos os membros da tribu; mas, acabada que seja, cada familia vae cuidar, separadamente, da construcção da sua morada. Levantam as habitações ao abrigo do dique, e pelo mesmo processo com que fabricam este.

A nossa gravura mostra o feitio d'estas habitações, construidas sobre estacaria, com as paredes formadas de troncos e arbustos entretecidos, e rebocadas de barro, que endurece a ponto de dar ao edificio muita solidez e duração.

Quadra bem a taes moradas o nome de edificios, pois que o são na verdade, apresentando certas condições de uma construcção regular. Até são divididos interiormente em dois pavimentos, o inferior destinado para habitação, e o superior para dispensa ou armazem de provisões. A porta, ás vezes situada á flor d'agua, mas quasi sempre debaixo d'ella, abre-se para o lado interior do rio ou lago, a fim de evitar ou tornar difficil o accommettimento do inimigo, e facilitar a fuga dos moradores.

Empregam-se os castores nas suas construcções durante os mezes de junho, julho e agosto. Mal presentem a aproximação do inverno, tratam logo de reparar as suas moradas, o que executam com tanto desvelo e proficiencia, como o não faria melhor o mais perito official de pedreiro. Este cuidado, junto ao endurecimento que as geadas e gelos dão ao barro ou terra amassada com folhagem, com que os castores rebocam a parte exterior das habitações, fazem com que estas durem muitos annos, se não vem destruil-as algum accidente fortuito.

Mr. Godman, tratando largamente d'este interessante animal na sua *Historia natural da America*, depois de descrever o modo por que os castores edificam as suas habitações e os diques que as protegem, exalta nos seguintes termos o singularissimo instincto d'estes quadrupedes:

«Eis aqui, certamente, provas irrecusaveis da habilidade e precaução d'estes animaes admiraveis, e um exemplo notavel do espirito de associação. Mas quem revela aos castores certas operações, que só as sciencias tem ensinado aos engenheiros? Como habeis hydraulicos, traçam, para a construcção dos diques, uma linha recta, se porventura a corrente do rio é fraca e a obra de mediana extensão; mas se é grande o volume de aguas e rapida a sua corrente, ou se o dique tem de ser muito extenso, então formam-n'o em linha curva, cuja convexidade fica opposta ao impulso da corrente.

«Para que esta industria maravilhosa produza tudo o que é capaz de emprehender e executar, é mister que estes industriaes disfructem inteira segurança. Assim que os castores se vêem inquietados, abandonam immediatamente os seus diques e habitações, e não tornam a construir outras. N'esta penosa situação o animal é ainda mais digno da attenção do observador do que quando se acha no meio dos seus trabalhos de carpinteiro e pedreiro. Resolve-se então a fazer covis subterraneos nas margens de alguma ribeira, multiplicando-os de maneira que estes asylos não possam ser descobertos todos ao mesmo tempo, e lhe dêem occasião de passar de uns para outros sem ser visto, mergulhando e atravessando por baixo d'agua.

«Faz as suas excursões por alta noite, e leva a sua precaução a ponto de extinguir os vestigios de suas pégadas; não se podendo, por conseguinte, reconhecer os logares que habitam senão pelos córtes das arvores que tem praticado. Ás vezes, antes de renunciar os commodos e mais vantagens que lhe proporcionam os seus diques e habitações, toda a povoação da aldeia se occupa em cavar refugios subterraneos na proximidade da represa, para lhe servirem de asylo no caso de ser accommettida repentinamente. Os caçadores americanos denominam *washes* estes logares de asylo, onde o castor se introduz mergulhando, e que elle fórma com a capacidade precisa para ahi poder respirar e viver á vontade sem ser descoberto.»

Habitam em cada morada de oito a doze individuos, paes e filhos, o que constitue uma verdadeira e per-



Os castores

feita familia, não só pelos laços de sangue, mas tambem pelo amor que os une e pela boa harmonia que entre todos reina.

Providentes como as formigas, os castores fazem provimento durante o estio, para o inverno, de todos os generos que constituem a sua alimentação, como a cortiça de certas arvores, os rebentos de outras, raizes de golphão e de alguma outra planta aquatica. Estas provisões vão sendo depositadas no pavimento de suas moradas, que lhes serve como de despensa. E, chegada a estação invernosa, eil-os se recolhem ao seu albergue, para repoisarem no seio da familia, como as formigas, dos duros trabalhos do verão. Em quanto duram os rigores do inverno, raras vezes, ou só por caso extraordinario e grave, deixam o agasalho da habitação.

Apesar da segurança que lhes offerecem as suas moradas, em razão do systema de construcção, e sobre tudo pelas vantagens da sua situação, dois inimigos ahi vão de vez em quando perturbar o repoiso d'estes pacificos animaes. Um d'esses inimigos é o homem, o outro é a lontra. O primeiro move-lhes crua guerra por causa das pelles, que são objecto de importante commercio. A taes inimigos de pouco ou nada valem a astucia dos castores e os meios naturaes de defensa de que se rodeiam. O segundo procura-os para os devorar. Contra este tambem é inutil a fortaleza da habitação, e não lhe serve de obstaculo o volume das

aguas nem o impeto da corrente. Como animal amphibio que é, a lontra nada com ligeireza, mergulha com rapidez, e lá vae perseguir os pobres castores no interior das suas moradas, ou no fundo do rio ou lago.

É o castor tão inoffensivo e timido, que, embora o aggressor seja um só e muitos os aggredidos, a fuga é a sua unica taboa de salvação. Vale-lhe muito em taes casos a facilidade e ligeireza com que nadam e mergulham. N'este exercicio serve-lhes a cauda de grande auxilio, porque, empregando-a como remo ou pá, acceleram muito os seus movimentos. É esta a principal utilidade que o castor tira da sua cauda, posto que tambem a empregue como ponto de apoio quando se quer firmar sobre as patas trazeiras. Pretendem varios escriptores que tambem aquelles animaes se servem da cauda, como de trolha, para conduzir a argamassa, introduzirem-n'a entre o tecido dos troncos e ramos, e, em fim, para a baterem e alisasarem. Porém alguns viajantes, que observaram, sem serem vistos nem presentidos, os costumes dos castores, affirmam que não é exacta aquella asserção.

Dizemos sem serem vistos nem presentidos, porque é tal a timidez dos castores, que, embora nunca tenham sido perseguidos, ao menor bulicio, qualquer que seja o trabalho em que se occupem, fogem e se escondem no seio das aguas, ou no interior de suas moradas, d'onde não saem em quanto não se certificam de que nenhum perigo os ameaça.

É suave e meiga a voz do castor quando elle experimenta alguma sensação agradavel, ou quando o excita qualquer desejo. Mas, se o opprime o susto e o ameaça um perigo, a sua voz, começando por um som abafado e triste, vae-se erguendo pouco a pouco, e vibrante, até se assimilhar ao lugubre uivar do cão.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

MARCOS ANTONIO PORTUGAL

(Conclusão. Vid. pag. 334)

V

Por uma evasão prompta e inesperadamente resolvida, lográra o principe regente illudir os traiçoeiros projectos de Napoleão I, e subtrahir-se ao captiveiro que se lhe apparelhava. Velejando a refugiar-se nos estados do Brasil, deixára o velho Portugal nas mãos dos invasores, e entregue á mercê de futuras e incertas eventualidades. Aproando, depois de trabalhosa viagem, ao Rio de Janeiro, onde determinára assentar a séde da monarchia, começou de intender nas coisas do governo. Foram promulgadas leis, taes como as circunstancias as reclamavam, e creadas todas as instituições, que, supposto se tornassem indispensaveis pela transferencia da corte, como que importavam outros tantos incentivos para apressar a formal separação dos dois povos, constituindo logo aquelles estados em inteira e absoluta independencia da metropole.

Herdára o principe de seus avós a predilecção pela musica, mórmente pela sagrada, e era zeloso amador das ceremonias e exercicios do culto. Mal poderia, pois, deixar de recordar-se com saudade das sumptuosas festas que em Portugal fazia celebrar nas basilicas de Mafra e Ajuda, e no paço real de Queluz; festas em que o nosso Marcos ostentára tantas vezes os primores do estro na brilhante execução das suas composições musicaes!

Assim, um dos primeiros cuidados do regente foi o de dar ordem e regra á egreja cathedral do Rio, transformando-a em capella real por decreto de 25 de junho de 1808; e tomando para serviço da orchestra, em falta de outros melhores, os cantores e instrumentistas que por então lhe offerecia a nova capital. Para inspector de musica da mesma capella foi, por decreto de 4 de novembro seguinte, nomeado o padre José Mauricio Nunes Garcia, homem dotado de extraordinario talento e propensão para a arte, e que havia dez annos exercitava na sé as funcções de compositor e organista. Era acertada a escolha, e o nomeado não poupava diligencias e esforços para desempenhar-se e corresponder dignamente á confiança do soberano; porém havia mingoa de artistas habeis que podessem coadjuval-o, fazendo sobresair na execução as suas lidadas partituras.

Entretanto chegava ao Rio Marcos Portugal, que de Lisboa partíra, como dito fica, trazendo comsigo um bom numero de vozes e instrumentos. Apresentou-se ao regente, por quem foi acolhido com a mais graciosa e benevola affabilidade, lembrado, sem dúvida, das horas agradaveis que tantas vezes lhe proporcionára em Mafra e em Lisboa.

Para logo mudaram as coisas de face na capella real. Marcos reassumíra o seu logar de mestre de capella, equiparado, portanto, a José Mauricio, e sendo ao mesmo tempo nomeado mestre da real camara. Tratou elle não só de sustentar os antigos creditos, mas de tirar do engenho recursos, com que patenteasse, em novos e melodiosos sons, que annos e trabalhos não tinham conseguido afrouxar aquella imaginação creadora.

Compoz pelo natal de 1811 para a capella do rei as matinas solemnes; e uma missa de grande instrumental, que foi celebrada n'essa festividade por modo que nada tinha que invejar ás solemnidades mais pomposas da patriarchal lisbonense, perfeita similhança das de S. Pedro de Roma, e a que para inteiro complemento apenas faltava que o proprio papa n'ellas pontificasse, rodeado do sacro collegio!

Pouco depois, inaugurando-se no Rio de Janeiro em 12 de outubro de 1813 o theatro de S. João, edificado a expensas de uma sociedade dos principaes negociantes d'aquella praça, foi Marcos escolhido para regente da orchestra, e ahi fez, segundo cremos, representar não só algumas de suas antigas operas, mas diversas peças que expressamente compoz para esse fim.

Foi tambem encarregado, conjuntamente com seu irmão Simão Portugal, da direcção do pequeno conservatorio de Santa Cruz, antiga fundação dos jesuitas, e destinado ultimamente pelo regente para a educação musical dos seus escravos negros. Graças aos cuidados dos mestres e ás boas disposições dos discipulos, saíram alguns d'estes capazes de occupar logares de musicos na orchestra da capella e theatro real, e até de executar uma ou mais operas que Marcos escrevêra de proposito para serem por elles desempenhadas [1].

Todos estes serviços eram tidos na devida conta pelo principe regente, depois rei D. João VI, o qual não deixava escapar occasião de mostrar-lhe a sua estima, e a consideração em que o tinha. Nomeou-o mestre de musica de seus augustos filhos, dando como tal lições ao principe herdeiro D. Pedro, e bem assim á esposa d'este, a archiduqueza D. Maria Leopoldina; á princeza da Beira D. Maria Theresa; e á infanta D. Maria Isabel, que morreu rainha de Hespanha. Diz-se que as dera egualmente á outra infanta, ainda hoje viva, a sr.ª D. Isabel Maria [2].

Por um novo testimunho da real munificencia, foi ainda condecorado pelo monarcha com a commenda da ordem de Christo; graça tanto mais de apreciar, quanto era n'aquelle tempo escasso o numero dos que a recebiam, recaíndo então, com raras excepções, sobre o merito real e bem provado. Outra distincção lhe

[1] Vid. Balbi, no *Essai statistique*, tomo II, pag. CCXIII e CCXIV.
[2] Vid. *Resumo dos privilegios e nobreza dos professores*, por Martins Bastos, a pag. 219 e seguintes.

veiu por essa epocha, e que devêra ser para elle da maior estimação. Foi a nomeação de membro correspondente do instituto nacional de França, cujo secretario, em officio de 30 de dezembro de 1815, acompanhava o annuncio da sua eleição com os mais lisonjeiros encomios, significando-lhe que os compositores francezes o reputavam como um dos homens que mais valiosos serviços haviam prestado ás artes.

Não é, pois, para estranhar que Marcos, justo avaliador do proprio merito, chegasse a julgar-se um artista consummado. Tinha, ao que se diz, seu tanto de vaidoso; e quando regia a orchestra comprazia-se em fazer sobresair a sua figura auctorisada, enthusiasmando-se a ponto de representar na egreja como se fôra em pleno theatro.

Outra fraqueza lhe notavam, que anda não poucas vezes annexa aos grandes genios. Era naturalmente ciumento de todos que davam mostras de extraordinario talento musical, e sobre tudo não podia perdoar aos compositores seus collegas. Olhava, pois, com desdem, ou antes com verdadeira emulação, para José Mauricio, em quem se persuadia ver um rival da sua gloria, e que, além d'isso, tinha a desgraça de ser homem de côr. Fazia-lhe soffrer desgostos e humilhações, que o honrado brasileiro supportava com paciente resignação; até que, conhecedor de suas virtudes, veiu Marcos a congraçar-se com elle ao cabo de alguns annos, tornando-se amigos sinceros até á morte, que arrebatou um e outro apenas com intervallo de dois mezes escassos [1].

Passou Marcos no Rio de Janeiro os ultimos vinte annos de sua vida, sem que jámais cogitasse de voltar a Portugal, sendo inteiramente falso o que em contrario se tem escripto ácerca da sua supposta vinda com el-rei D. João VI em 1821. Tambem o é, quanto podêmos crer, fundando-nos no veridico testimunho de pessoas que o conheceram no Brasil, o que se diz da pretendida viagem á Italia em 1815, para alli fazer representar uma opera que lhe attribuem, *Adriano in Siria*, composição, quanto a nós, mais que muito duvidosa.

Proclamada a independencia em 1822, Marcos, que tomára o Brasil por sua patria adoptiva, continuou no serviço do imperador, de quem se honrava de haver sido mestre. Porém este, apesar da affeição que lhe mostrava, entre outras reducções, a que deram causa os apertos financeiros do paiz, teve de cercear-lhe uma parte consideravel dos seus vencimentos; de sorte que o grande compositor, já entrado em annos, e com a saude deteriorada por excessivos trabalhos, teria de soffrer privações nos derradeiros dias, se lhe faltasse a hospitalidade que de muitos annos, e já em vida do marido, lhe franqueava a marqueza viuva de Aguiar. Em casa d'esta senhora veiu colhel-o a morte, fallecendo de apoplexia aos 17 de fevereiro de 1830, com 68 annos incompletos de edade. Sobreviveu-lhe a sua viuva; porém, se deixou ou não filhos, ponto é que não sabemos decidir, tendo ouvido affirmar egualmente o pró e o contra [2].

No dia seguinte foi o seu cadaver conduzido para o convento de Santo Antonio, de franciscanos da provincia do Rio de Janeiro. Ahi permaneceram seus restos esquecidos e ignorados por muitos annos, até serem casualmente descobertos pelo já por vezes citado sr. M. de Araujo Porto-Alegre, na occasião em que no referido convento dirigia inuteis pesquizas para achar os ossos, tambem n'elle depositados, de outro finado não menos illustre, o notavel orador e poeta brasileiro, padre Antonio Pereira de Sousa Caldas. Em ordem a prevenir novos e irreparaveis descuidos, o mesmo sr. Porto-Alegre fez encerrar a ossada em um caixão ou urna de madeira, que mandou fabricar para esse fim. N'ella se conservam ainda agora aquelles despojos inanimados, até que algum dos dois povos irmãos tome a cargo solver a divida de gratidão em que se acha para com Marcos Portugal, fazendo erigir monumento mais condigno á sua memoria.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

1 Morreu Marcos a 17 de fevereiro, e José Mauricio a 18 de abril do mesmo anno de 1830. Para a biographia d'este insigne compositor brasileiro, veja-se o seu elogio historico, que o nosso amigo e consocio, o sr. M. de Araujo Porto-Alegre, fez inserir na *Revista do instituto do Brasil*, tomo XIX, a pag. 354 e seguintes; e tambem o que a respeito d'elle escreve o sr. dr. Moreira de Azevedo no *Pequeno panorama do Rio de Janeiro*, vol. I, a pag. 264 e seguintes. Além de suas numerosas composições de musica sacra, em que mais primou, conta-se que escrevêra para o theatro de S. João *Le due gemelle*, e outra opera, que parece se perderam.

2 Consta que os seus papeis e composições foram pouco depois vendidos a peso aos fogueteiros e taberneiros do Rio de Janeiro! Das que existiam em Lisboa crê-se tambem extraviada a maior parte, sendo, comtudo, certo que algumas se venderam ha poucos annos para Inglaterra, onde foram mui bem pagas.

ILHA DO FAYAL — HORTA

ILHA DO PICO

(Conclusão. Vid. pag. 145)

Para complemento do que tinhamos a dizer relativamente á ilha do Pico, falta-nos fallar da famosa montanha que á ilha deu nome. Desejámos colher noticias minuciosas e exactas d'aquella formação volcanica, e n'esse intuito consultámos diversas obras, e interrogámos pessoas que nos pareceu poderiam esclarecer-nos e habilitar-nos para melhor nos desempenharmos da nossa tarefa. Infelizmente, nada conseguimos; e por isso limitar-nos-hemos a transcrever o que o auctor da *Historia insulana* nos diz, accrescentando ás palavras do bom padre Cordeiro as reflexões que a sua narrativa nos suggeriu.

«Levanta-se este Pico (falla o auctor citado) na ponta que a sua ilha faz para o poente, deixando quasi 15 legoas de terra de comprimento para o nascente, que a respeito do tal Pico se póde chamar terra plana, chã e corrente, posto que ainda tenha varias serras e montes ordinarios. O circulo do pé d'este Pico terá 3 legoas em roda, e fica mais perto do sul do que do norte, e tão perto do porto da Magdalena, que, contando a quasi legoa de mar, que da Magdalena vae até ao Fayal, ainda esta ilha do Fayal fica menos de duas legoas do pé do Pico; e a villa das Lages lhe fica atraz tres legoas pela banda do sul para o nascente; e todas estas tres legoas são de matos e arvoredos; e assim como para o poente fica bem ao pé do Pico o sobredito logar da Magdalena, assim para a parte do sul lhe fica, ao pé tambem, a freguezia e logar chamado de S. Mattheus, que está em os matos, e é de muita romagem, até de outras ilhas; e comtudo tem muitas colmêas, muito mel e muita cera este tracto.

«Sóbe, pois, este estupendo Pico, na mesma circunferencia de tres legoas, e uma de diametro, quasi legoa e meia ao ceo direitamente, e na mesma direitura, mas já com menos circulo, se levanta em segundo monte, outra legoa e meia em demanda direita ainda do ceo; e assim consta de dois montes, ambos uniformemente subindo um sobre o outro, e ainda o debaixo é tão alto, que excede os grandes montes de outras terras. Em o primeiro monte, que fica debaixo, ha ainda muito arvoredo, e pastos, e muitas fontes pequenas, e por isso os muitos gados o sobem todo, e em todo o anno, e os pastores com elles; e no verão se atrevem a subir parte do segundo monte, mas nunca chegam ao mais alto do segundo e ultimo monte, porque, posto que ainda n'elle lhes não falte agua e pasto, é já tudo tão delgado e subtil, que lhes não serve á nutrição natural, e menos o ar, já mais subtil para a natural respiração; e por isso, em entrando o inverno, todo o gado por si volta ao monte de baixo,

e n'elle se fica o inverno todo, com menos frios e mais aptos mantimentos.

«O segundo monte fica já tão excessivamente levantado, que até em grande parte do verão está tão alvo de saraiva, ou pedra do ceo miuda e de tal frio, que não só o mais sujeito logar da Magdalena, mas ainda a ilha do Fayal e a principal villa das Lages, com estar tres legoas distante, padecem grandes rigores de correspondencia tão aspera; porém a mais miuda e formada neve, não só em as ditas ilhas, mas nem em tal Pico, nunca jámais se viu, nem se sabe n'estas ilhas, que coisa seja neve; mas do tal segundo monte e do cume ultimo d'elle se vêem todas as nove ilhas terceiras, e não só até S. Miguel e Santa Maria, mas até ás ilhas das Flores e do Corvo, que do Pico distam quarenta legoas; e quem da coroa do tão alto Pico olha para baixo, vê andarem as nuvens lá em baixo sobre o primeiro monte inferior, e chover lá por baixo, sem cair agua então sobre o segundo monte, antes sentindo n'elle serenissimo tempo, ar delgadissimo, e delgadissimas aguas em diversas fontes, e ainda em a vital e melhor respiração difficuldade sensivel.

«Do tal Pico, em fim, diz Fructuoso (falla o padre Cordeiro) que é tão alto, que os mareantes e as outras ilhas o tem por sua melhor agulha de marear, que em seus presentes aspectos lhes mostra os imminentes tempos; porque quando está coberto de nevoas denota ventos mareiros, como sueste, sul e sudoeste; e quando todo descoberto indica oeste, noroeste e norte; quando tem uma barra branca de nevoa pelo meio, e tudo o mais de cima e de baixo descoberto, adivinha tempos léstes e nordestes; e se se vê todo limpo, e logo põe na cabeça algum capello de nevoa, prophetisa que o tempo se muda em breve a mareiro: e das ilhas mais distantes muitas vezes se vê predominando os ares com a cabeça posta sobre as nuvens, e estas em baixo adorando-o sobre a terra; e tão alto parece aos que estão perto d'elle, como aos que estão longe; e aos que ao mais alto d'elle chegam, então lhes parece ainda mais alto, sem poderem ainda bem comprehender sua altura.

«Não ha memoria ou signal de que em tal Pico houvesse alguma hora fogo algum, e só causam admiração as fontes que em todo elle, até no mais alto, nascem, e de agua excellente; e a razão natural já a apontámos na nossa *Philosophia*. Ha comtudo signaes, e ainda noticias, que muito fóra do tal Pico, quasi quatro legoas d'elle, e uma legoa do mar do norte, e haverá cento e cincoenta annos, no de 1572, a 21 de setembro, tremeu a terra no baixo da ilha por espaço de um terço de hora, e com taes estrondos, que pareciam grandes peças de artilheria disparadas; e logo em um lago e por cinco bocas arrebentou tal fogo, que d'elle e do polme ardente correu uma ribeira por espaço de uma legoa, até se metter no mar do norte, e no mesmo mar formou, com entrada n'elle de um tiro de arcabuz, aquelle grande caes de pedraria abrazada, do qual se serve a villa de S. Roque, que dista d'elle uma legoa; e affirma o douto Fructuoso que foi tão grande o fogo, que todas as mais ilhas terceiras se allumiaram com elle, e até na de S. Miguel fez da noite claro dia; e comtudo nem um minimo abalo se sentiu em o dito fatal Pico, contra cuja immensa machina nem o fogo se atreveu; e não ha memoria de outro tremor de terra, ou incendio, que em a tal ilha do Pico succedesse.»

É notavel a altura que Antonio Cordeiro assigna ao Pico. Tres legoas em *direitura ao ceo* é altura excessiva. Balbi dá-lhe 7:500 pés, mas indica por meio de um signal convencional ser este um dos pontos ácerca de cuja altura discordam muito os geographos e os viajantes. No *Diccionario* de Perestrello da Camara diz-se que a altura do Pico é de 1:096 braças; Maranhão dá-lhe 7:560 pés; e o *Annuaire du bureau des longitudes, pour* 1864, estima-a em 2:412 metros.

Convem não esquecer que uma das faltas dos antigos geographos, ora voluntaria e filha de injustificavel orgulho, ora involuntaria e procedente do atrazo das sciencias e da carencia de instrumentos, consistia em exaggerarem as dimensões das partes do globo que descreviam.

Esta circunstancia nota Balbi, e lamenta que viajantes pouco instruidos nas sciencias naturaes, e auctores enthusiastas dos antigos, prejudiquem ainda hoje a geographia, exaggerando as alturas das montanhas.

«Nicholls (diz Balbi) deu ao Pico de Teneriffe 15 legoas de altura, e Ricciols 10 milhas italianas, ou 50:000 pés, aproximadamente.

«Posto que (continúa o mesmo auctor) as avaluações modernas da altura d'esta montanha variem de 1:700 a 2:600 toezas, as de Borda, de Lamanon e de Cordier, feitas com bons barometros, e calculadas segundo a fórmula de La Place, variam apenas de 1:976 a 1:920 toezas.»

É, pois, para nós coisa indubitavel ter sido o padre Cordeiro mal informado ácerca da altura do Pico.

Tambem devemos notar a circunstancia de não vir citado na *Historia insulana* o volcão do Pico, e a insistencia do auctor em asseverar que nunca alli se víra fogo. Além do que a tal respeito atraz fica transcripto, citaremos ainda o titulo do capitulo de que aquellas passagens foram trasladadas, o qual reza assim: «Do altissimo Pico, e do tremor e fogo, *que não n'elle*, mas na ilha houve.»

É, pois, quasi certo que até 1717, anno em que a *Historia insulana* foi publicada, se não tinha mostrado o volcão que actualmente existe no cume da montanha de que nos occupâmos.

Paulo Perestrello da Camara, e Maranhão, que, ao que parece, copiou o primeiro, dizem que em 1720 houve no volcão do Pico uma tão forte erupção, que a inundação do fogo cobriu uma legoa em quadrado; e cinzas e pedras foram cair na ilha de S. Jorge, distante tres legoas.

Rebentaria o volcão do Pico em 1720? Não ousâmos affirmal-o; mas inclinâmo-nos a crer que sim.

O aspecto da montanha, que a gravura já publicada perfeitamente representa [1], excede em magestade e belleza quanto a lingua possa dizer. Erguendo-se arrogante a topetar com as nuvens; com o cimo ora toucado de nevoeiros, ora alvejando coberto de neve, ora vomitando fumo em espessas columnas, ora como que exhalando tenues vapores, e sempre com os flancos revestidos de corpulentos vegetaes, produz em quem a contempla impressões indefiniveis.

SOUSA TELLES.

RIVALIDADES DAS CORPORAÇÕES EM FRANÇA NO SECULO XVIII

Em 1760, um chapeleiro, por nome Leprévost, pensou em fabricar chapeos com a seda. O bom exito da tentativa chamou os consumidores, e os consumidores grangearam a riqueza; porém á corporação dos chapeleiros não agradou o negocio, e multou Leprévost. Este quiz oppor-se a tão injusta decisão nos tribunaes, mas não foi attendido, e pagou a multa e as custas.

Para anniquilar o odio dos seus collegas, lembrou-se um dia de alcançar o cargo de chapeleiro da casa real. A corporação aproveitou novamente a opportunidade para o guerrear. Pouco tempo depois entravam nos depositos de Leprévost os privilegiados da classe, e destruiam alli mais de tres mil chapeos. Seguiu-se nova querela: no fim de quatro annos de processo, o inventor obteve licença para explorar o seu invento, mas quando já estava arruinado.

1 Vid. pag. 145.